

DESCOBRIR O NORDESTE E VERIFICAR NELE O MEDITERRÂNEO: UMA INICIAÇÃO A AGOSTINHO DA SILVA

Bruno de Alves Borges¹

Pedro Mesquita de Carvalho²

O diálogo aqui republicado e vertido ao inglês pela primeira vez é um texto chave para a compreensão de vários aspectos tanto do campo dos estudos clássicos na América Latina quanto da própria formação da universidade latino-americana e, principalmente, brasileira. Não apenas pelos temas com os quais se ocupam à beira mar esses filólogos e humanistas, mas também por estarmos no acme da consciência espiritual representada pela criação da Universidade de Brasília (UnB), temos aqui um pouco da imagem da personalidade de Agostinho e suas criações poéticas. Temos aqui alguns caminhos possíveis para quem quer que se preste ao feliz encontro de conhecer George Agostinho Baptista da Silva (1906-1994), sua obra e sua herança oceânica. Como nos ensinou com primor o africanista Alberto da Costa Silva (1931-2023) com sua feliz expressão, nesse *rio chamado Atlântico*, em algum momento foi possível que um intelectual erguesse fisicamente a obra poética de Fernando Pessoa e manifestasse em sua própria obra algo como uma extensão da obra pessoana.

Nascido na cidade do Porto, Agostinho da Silva foi profundamente abalado pelos conflitos que atingiram sua cidade natal em 1927, ocasião em que a ditadura salazarista abafou uma revolta republicana com oito dias de bombas seguidas de prisões e exílio. Gestado pelo berço que foi a primeira Faculdade de Letras do Porto, e como todos dessa geração, mas de formas distintas, sob influência direta de Leonardo Coimbra (1883-1936), Agostinho se forma em Filologia Clássica. Com 23 anos doutora-se com uma tese denominada *O sentido histórico das civilizações clássicas*.

Nos anos de 1930, estuda na *Sorbonne*, no *Collège de France*, mas foi o movimento *Seara Nova* e a presença de António Sérgio³ que mais

¹ Doutorando (Metafísica) - Universidade de Brasília, Brasília, Brasil. E-mail: b.alvesborges@gmail.com

² Mestrando (Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, Brasil. Email: pedromesquitacarvalho@gmail.com

³ António Sérgio (1883-1969) foi um educador português antifascista, além de sociólogo, historiador e político que viveu no exílio entre 1926 e 1933. Ele foi preso três vezes (1935, 1948 e 1958).

fundamente marcaram seu espírito crítico.⁴ É desse período uma intensa produção, que, mesmo vinculada a resultados de profundos anos de pesquisa e estudo em nível superior, buscava na organização popular a construção de instrumentos básicos de acesso a letramentos de variedade de natureza, do papel e do mundo. Um exemplo é quando já por volta de 1927 e 1928, no contexto seareiro, escreve uma carta aberta a eruditos que, assim como a *Teorética* aqui apresentada, demonstrava para com os “admiradores da *Eneida* e da *Arte Poética*, o descontentamento (...) com a situação dos estudos clássicos portugueses”, criticados desde esse tempo, com “a virulência e a explosividade da verve polêmica” que o animava.⁵ Quando olhamos hoje a prosa e a ironia crítica de Matheus-Maria Guadalupe, tendo em mãos essa carta (Silva, 1928), podemos perceber nitidamente o quão biográficas e, ao mesmo tempo, atuais, são as palavras que também hoje fazem jus a parte importante do campo dos estudos clássicos.

As *Folhas soltas de S. Bento* publicadas nos anos 1960 dialogam diretamente com outros cadernos e folhetos que eram distribuídos em Portugal para o compartilhamento de informações culturais ao povo pobre e afetado diretamente pelos horrores da ignorância e do Estado Novo. Das publicações deste momento destacam-se os cadernos de informação cultural *Iniciação* e *Antologia*, com introduções a grandes autores e uma apresentação a vários debates poéticos, históricos, ou mesmo mitos gregos e filosofia pré-socrática, ou alguma questão sobre a sociedade capitalista, a biografia de um grande autor, independentemente de nacionalidade ou área de estudo. Há quem ainda esteja vivo e tenha se educado na enorme universidade aberta que foram, para seu tempo, os escritos de Agostinho da Silva.

⁴ Para um exemplo de análise desse período, ver: Pinho, 2020.

⁵ Pinho, 2020: 616.

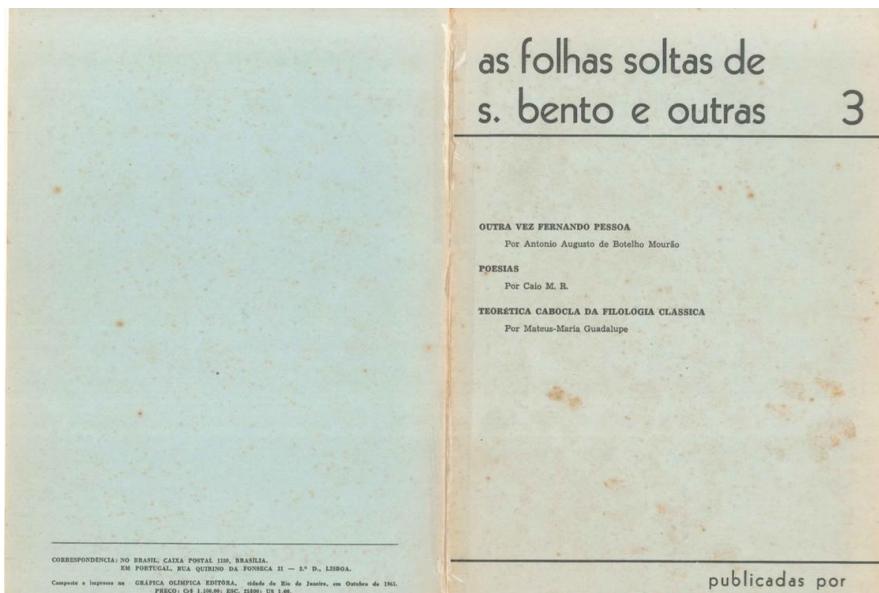


Imagen 1: capa do terceiro fascículo de *as folhas soltas de s. bento e outras*, que circulou em 300 cópias.

Por aquelas intervenções editadas com o mais cuidadoso esmero gráfico e filológico, mas também pelo caráter acessível de uma linguagem utilizada exatamente para afetar a hierarquização de raça, classe e gênero que assola o conhecimento consolidado pela tradição, Agostinho da Silva passaria a sofrer censura e os ataques do arbítrio.

Em 14 de setembro de 1936, o Decreto-Lei nº 27:003 obrigaría funcionários públicos portugueses a assinar declarações de não participação em nenhum tipo de associação ou sociedade *subversiva ou secreta*. O que se costuma contar é que Agostinho não fazia parte de nenhuma. Mesmo assim, firme no propósito de poder ingressar em tal espaço se, no futuro, assim o quisesse, exila-se no Brasil e aqui viverá por largos 22 anos (de 1947 a 1969).

(...) se eu no Brasil, me tivessem obrigado a escolher doutores para fazer a Universidade da Paraíba, a Universidade de Santa Catarina, a Universidade de Brasília, e outros institutos e outras universidades, eu não tinha feito nada. Entrou quem havia, entrou o que havia, e deram todos muito bom trabalho porque lá se desenvolveram.

Agostinho da Silva

Chegando ao Brasil entre 1944 e 1945, e depois de um tempo no Uruguai e na Argentina (de 1945 a 1947),⁶ se instala em Itatiaia, Rio de Janeiro.

⁶ Para a compreensão da obra no contexto latino-americano, para além do Brasil, como também para contextualização de afirmações acerca da singularidade mourisca e beduína de Agostinho da Silva, ver: Pinho, 2009.

Durante tal período, vale lembrar, com base em documentação disponível na Cátedra Agostinho da Silva de Estudos Humanísticos alocada na Universidade Federal de Uberlândia (UFU):⁷

Agostinho lecionou na Faculdade Fluminense de Filosofia (embrião da Universidade Federal Fluminense), na Universidade do Recife (futura Universidade Federal de Pernambuco), na Universidade Federal de Minas Gerais e na Universidade Federal da Bahia; trabalhou com Jaime Cortesão no Instituto Rio Branco do Ministério das Relações Exteriores e na Biblioteca Nacional, e ainda esteve entre os professores fundadores da Universidade Federal de Santa Catarina, da Universidade Federal de Goiás, da Universidade Federal da Paraíba e da Universidade de Brasília – nesta última instituindo o Centro Brasileiro de Estudos Portugueses. Na UFBA, criou e dirigiu o Centro de Estudos Afro-Orientais, ainda hoje em atividade. Colaborou com a Editora Globo de Porto Alegre, traduzindo autores clássicos como Plauto, Terêncio e Lucrécio. Trabalhou como articulista no jornal *O Estado de S. Paulo*. Entre muitos outros escritos, concebeu no Brasil três novelas e ensaios como *Um Fernando Pessoa e Reflexão à Margem da Literatura Portuguesa*. Foi assessor de política externa do presidente Jânio Quadros com relação à África, auxiliando-o, por meio do Centro de Estudos Afro-Orientais, na instituição do ensino de língua portuguesa em universidades do Senegal, da Nigéria, do Gana e do Zaire, e igualmente na Universidade Sofia, de Tóquio. Atuou também como diretor de cultura da Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Santa Catarina. O filósofo foi professor convidado da pós-graduação da Universidade da Cidade de Nova York (CUNY), além de conferencista na Universidade Harvard e na Universidade da Califórnia. A convite da Unesco e com apoio do Itamaraty, palestrou em universidades do Japão, de Macau e do Timor.

Apesar da completa descrição acima, alguns episódios hão de ser destacados nessa pequena contribuição que apresentamos. Uma delas foi quando entre diversos intelectuais um sobrado que pertencia a finlandeses foi alugado para um convívio coletivo, algo como uma comunidade que Dora Ferreira da Silva costumava dizer ter sido uma antecipação dos hippies. Nessa casa, como um núcleo cultural de difusão de arte, criação, pensamento e ação, Agostinho vivenciou tudo aquilo poderia vivenciar quem manteve ali diálogos com Jayme e Judith Cortesão, Vicente e Dora Ferreira da Silva, Murilo Mendes, Oswaldo de Andrade, Djanira, Portinari, Milton Vargas, entre outros frequentadores e partícipes desse projeto de vivência coletiva. As revistas *Diálogo* e *Cavalo Azul*, por exemplo, instrumentos poéticos utilizados por alguns integrantes desse grupo paulista, e tão bem trabalhadas editorialmente quanto os folhetos que outrora distribuía pelas ruas da cidade do Porto, tiveram em Agostinho da Silva uma grande influência e colaboração.

⁷ Texto disponível em <http://www.catedraagostinho.propp.ufu.br/sobre-agostinho-da-silva>, acesso em 28 de outubro de 2024.

Figura imprescindível para a história da origem da Universidade Federal da Paraíba, na virada de 1952 para 1953, deixa naquela cidade nordestina um trabalho que seria muito bem definido hoje como um dos primeiros exemplos de *extensão universitária*, promovendo encontros entre estudantes e o interior do Estado para, entre outras coisas do espírito, enfrentar a dureza da seca. Utilizando-se da influência do governador José Américo de Sousa, contribui para os primeiros traços da Faculdade de Filosofia e, além de um nascente curso de Medicina, intensa movimentação cultural seria deflagrada mediante tais experiências, sendo nesse momento que se criou pela primeira vez ali um Departamento de Cultura Popular.

Após a Paraíba, a experiência do IV Centenário de São Paulo. Trazendo ao Brasil a *Carta de Pero Vaz Caminha* mediante um salvo conduto diplomático compartilhado com Jaime Cortesão, ficou demonstrado ali que nós, até quanto às nossas fontes primárias, ainda éramos espoliados pelo monopólio português de documentos herdados pela metrópole.

Muito provavelmente sufocado pelo ambiente germanófilo e heideggeriano de algumas referências do *grupo de São Paulo*, bem como condicionado a viver no único terreno fértil para toda lavra, a liberdade, nem pensa Agostinho da Silva em se envolver com as disputas pela Universidade de São Paulo (USP) ou com a milícia intelectual que foi o Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF).⁸ O que Agostinho da Silva queria, e melhor sabia fazer, era criar.

Arrasta então Agostinho o já célebre helenista Eudoro de Sousa e se dedica a fundar a Universidade de Santa Catarina (UFSC). Ainda que como professor de Língua e Literatura portuguesas, e anunciando a *perspectiva de centros* que seria sua marca, organiza junto com Eudoro de Sousa parte importante dos cursos de História, Filosofia e Letras daquela universidade.⁹ Dali sairiam acusados de comunistas, acusação que, se na biografia de Agostinho não era novidade, já que desde sempre fora acossado pelo poder, para Eudoro de Sousa certamente significou profunda ruptura com o *eixo* ao qual esteve vinculado por intermédio de Álvaro Ribeiro e Delfim Santos.¹⁰

⁸ Ver: Gonçalves, 2016.

⁹ Em Carminati e Fasolo (2019), encontramos as ementas dos cursos dados por Eudoro de Sousa e Agostinho da Silva, apontando o notável protagonismo de ambos os intelectuais.

¹⁰ Como se lê em Neckel e Kühler (2010: 157), ambos os filólogos “eram tidos como comunistas” e representavam àquela altura, às vésperas dos conflitos que se agravariam com a renúncia de Jânio Quadros, um “casulo” de esquerda.

A importância de doravante (ainda que em São Paulo eles certamente tenham se encontrado) falar de Agostinho da Silva *com Eudoro de Sousa* fica clara pela própria conversação aqui apresentada à leitura, como se não bastasse a própria menção a Eudoro em certo momento do diálogo.

Em 1959, a mais exuberante autonomia e criação seriam possíveis por intermédio do Reitor Edgard Santos e do momento que ficou reconhecido como um tipo de *renascença baiana*. Mais uma vez pela Faculdade de Filosofia, onde foram alunos Caetano Veloso e Maria Betânia, nas experiências com uma geração do teatro que contava com figuras como Glauber Rocha, Agostinho da Silva cria na Universidade Federal da Bahia (UFBA) o primeiro centro de estudos africanos da América Latina. O *centro*, que viria por parceria da UNESCO a agregar o que se entendia por “oriente”, passou a se chama Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO). É nesse momento que Ordep Serra e seu irmão Olímpio, mas também vários outros nordestinos que viriam para a UnB,¹¹ em contato com Agostinho da Silva, sabem da notícia da criação liderada por Darcy Ribeiro.

Para que se tenha apenas um exemplo da força da experiência baiana, foi ali que se inaugurou na história do ensino superior brasileiro salas de aula de uma universidade pública frequentadas por filhos e mães de santo dispostos a aprender a língua Yorubá e outras línguas africanas enquanto, mais uma vez, por meio de arquivos e documentos se estudava (e se entendia, talvez também de maneira inaugural) o Recôncavo Baiano como um centro cultural do qual Salvador era satélite, e não o contrário. A ditadura viria a sabotar o sonho de se criar em Cachoeira um centro de estudos à altura da Boa Morte.

Dali em diante viria Brasília, Darcy Ribeiro, toda a *utopia* que foi criar a Universidade de uma cidade planejada e o ter que ver tal sonho, em plena materialização, ser desmontado pelas botas da ditadura militar. *As folhas soltas de s. bento e outras* são um conjunto de textos escritos exatamente dessa época, quando o sonho da UnB já estava sendo atacado pelas “reformas universitárias” gestadas pelos generais que assumiram as universidades. Agostinho dois anos antes (1963) tinha ido a Macau, na China, para firmar acordos institucionais entre a nova universidade do Planalto Central Brasileiro e aquele longínquo país afetado pelas Navegações e suas vicissitudes.

Fazendo penetrar no Itamaraty a importância do contato com países africanos de língua portuguesa, vêm de Agostinho da Silva as primeiras

¹¹ Os irmãos Bastos (Hermenegildo, Rafael e Fernando), Suetônio Valença, Jair Gramacho, Emanuel Araújo, entre outros, são alguns dos nomes que, vindo do nordeste brasileiro, aterraram em Brasília para criar com Agostinho e Eudoro a UnB.

iniciativas concretamente dadas pelo governo brasileiro para abrir embaixadas e, sobretudo, manter relações em uma política internacional que ainda hoje dura.

A *normalização* da UnB seria um tiro de misericórdia para Agostinho da Silva. Após o 1º de abril de 1964, e cada vez mais a se afastar da universidade brasileira, após se tornar insustentável qualquer tipo de obra ou articulação tal qual a experiência de Brasília, onde o Centro de Estudos Clássicos e o Centro Brasileiro de Estudos Portugueses foram responsáveis por uma das mais frutíferas gerações intelectuais do século XX, Agostinho retorna à península ibérica.

Entre os heterônimos criados por sua pessoana poética, é Matheus-Maria Guadalupe marcado neste texto pela experiência tanto da UnB, como do debate e prestígio que este *campus* viria a ter no mundo. Travestido de Matheus-Maria Guadalupe, Agostinho da Silva nos daria primorosa análise dos momentos críticos da intelectualidade latino-americana no pós II guerra, em obras como *Lembranças sul-americanas de Mateus-Maria Guadalupe* (SILVA, 2002).

Pessoalmente Guadalupe é também latinista e medievalista, como Agostinho. Daí a facilidade de conexão com o debate existente entre a personagem J.J. e Agostinho ele próprio, que também está presente na beira-mar da Bahia. Guadalupe é múltiplo: taxônomo, estrategista, colecionador e pesquisador, entomologista, além de editor entusiasta, sempre ocupado e trabalhando.

Fruto da mais sensível e pessoana heteronímia, Agostinho da Silva coloca na boca de G.B.M. a apresentação mais apropriada que poderia ter *Teorética Cabocla da Filologia Clássica*. Matheus-Maria Guadalupe é um estudioso da cultura antiga sempre ocupado não apenas com suas traduções medievais, mas em assuntos diversos. Um endiabrado *workaholic*. Estamos aqui diante de um intelectual cujo legado além da mencionada extensão atlântica da obra de Fernando Pessoa, foi capaz de unir o particular e o universal de maneira única como neste diálogo que revisita a história da filologia nas areias de Itapoã, mas ao mesmo tempo discute para que serve tudo aquilo, todo aquele saber, todas aquelas citações e estudos e periódicos de Heidelberg, de Oxford, esforço hercúleo de gente que sabe tudo menos ser inventivo, que sabe línguas várias das mais esquecidas e ainda assim é “incapaz de dizer algo em sua própria língua”.

Que as provocações e críticas desses *três demônios* sejam levadas a sério. Especialmente hoje, quando se pensa nas ideias que poderiam ter sido e não foram na história do nosso campo, seja pelas nossas próprias falhas,

seja pelas interrupções havidas com o regime de exceção. E quando for chegada a hora de, enfim, reconsiderarmos de forma radical o nosso lugar dentro do concerto geral do pensamento dos estudos clássicos, que possamos com Guadalupe lembrar que jamais os Deuses poderão ter mais consideração pelos doutos germanos do Báltico do que pelos *dreadlocks* de Canoa Quebrada.

Referências

- CARMINATI, Celso João; FASOLO, Camila Porto (org.). *Gênese e constituição da Faculdade Catarinense de Filosofia: Relatórios de reconhecimento, programas e professores dos cursos de Filosofia, Geografia, História e Letras*. Florianópolis, Insular, 2019.
- GONÇALVES, Rodrigo J. M. *A Restauração conservadora da filosofia: O Instituto Brasileiro de Filosofia e a autocracia burguesa no Brasil (1949-1968)*. (Tese), História, Universidade Federal do Goiás, 2016.
- NECKEL, R.; KÜCHLER, A. D. C. *UFSC 50 anos: trajetórias e desafios*. Florianópolis: UFSC, 2010.
- PINHO, Amon. Agostinho da Silva e a Ibéria no espelho da Ibero-América: De los noventayochistas a Francisco Romero e de Alfonso Castelao a Leopoldo Zea, novos rumos de pensamento. In: *O Pensamento Luso-Galaico-Brasileiro (1850-2000) – Actas do I Congresso Internacional*, vol. III. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2009: 429-480.
- PINHO, Amon. Agostinho da Silva, de engajado filólogo a humanista militante e crítico: itinerário seareiro em tempos de formação do Salazarismo (1928-1933). *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 34, n. 71, maio./ago. 2020: 611-683.
- SILVA, Agostinho da. Carta aos velhos latinistas. *Seara Nova*, Lisboa, n. 133, 18 out. 1928: 246-247.
- SILVA, Agostinho da. Lembranças sul-americanas de Mateus-Maria Guadalupe. In: *Estudos e Obras Literárias*. Lisboa: Âncora, 2002.